

A metapsicologia “por trás” de Totem e tabu de Sigmund Freud

The metapsychology “behind” Sigmund Freud's Totem and Taboo

André Oliveira Costa¹
APPOA

Resumo: Através da análise dos processos metapsicológicos de *Totem e tabu*, de Sigmund Freud, criticamos a posição que distingue a “psicanálise social” da “psicanálise do indivíduo”. Identificamos que a inscrição da Cultura se faz sob a mesma perda do objeto pulsional que constitui a subjetividade. A formação da Cultura e a formação da subjetividade são originadas em uma base comum, a renúncia a uma parcela da pulsão.

Palavras-chave: cultura; psicanálise; Totem e Tabu; pulsão sexual.

Abstract: Through the analysis of metapsychological processes in Sigmund Freud's Totem and Taboo, we criticize the position that distinguishes "social psychoanalysis" and "individual psychoanalysis". We identified that the Culture formation is made under the same loss of drive object that constitutes the subjectivity. The formation of Culture and the formation of subjectivity are originated on a common basis, the renunciation of a drive portion.

Keywords: culture; psychoanalysis; Totem and Taboo; sexual drive.

A obra *Totem e tabu*, tal como Freud declara no capítulo VI de sua *Autobiografia*, está “em minhas tentativas de enlaçar mais estreitamente a psicologia social e a psicologia individual” (1924/2003, p. 2797). Publicado quinze anos após a primeira afirmação sobre o incesto como formador da Cultura, na carta endereçada a seu amigo Wilhelm Fliess, no dia 31 de maio de 1897, na qual afirma: “o incesto é antissocial, e a cultura consiste na progressiva renúncia ao mesmo. O oposto é o super-homem” (Freud, 1897/2003a, p. 3575), *Totem e tabu* retoma o tema do incesto não apenas como núcleo do *pathos* do sujeito, mas como o elemento fundamental sobre o qual se sustenta o processo de formação da Cultura.

Dos quatro ensaios que constituem o livro, os três primeiros foram escritos durante o segundo semestre de 1911 e ao longo de 1912, enquanto o último ensaio foi escrito em 1913, data de sua publicação. No prefácio da obra, Freud a qualifica como “uma primeira tentativa de minha parte de aplicar o ponto de vista e as descobertas da psicanálise a problemas não solucionados da psicologia social” (Freud, 1913/2003, p. 1746).

Vamos entrar em *Totem e tabu* tendo como pano de fundo os processos metapsicológicos que se encontram “por trás” do processo de formação da Cultura.

¹ Psicanalista, membro da APPOA, mestre em Ética e Filosofia Política pela PUCRS, doutor em Educação pela UFRGS. E-mail: androlicos@gmail.com

Temos, então, como perspectiva, compreender que a metapsicologia não está afastada dos acontecimentos sociais. Ao contrário, as estruturas sociais são efeitos dela. Pretendemos construir a ideia de que a condição social do sujeito se deve aos processos pulsionais de seu corpo. São o corpo e seus orifícios que dão bordas e criam fronteiras entre o sujeito e o outro. O corpo é condição da coletivização do sujeito.

Pensar que a possibilidade da relação do sujeito com o Outro está fundada no impossível desse encontro deve conceber uma estrutura na qual uma falta se mostra como condição intrínseca ao laço. É uma relação que segue a lógica da estrutura moebiana, como veremos adiante, na medida em que a formação de um *espaço comum* possibilita a circulação de algo que diga respeito tanto ao sujeito quanto ao Outro. Esse espaço de intersecção faz do mais íntimo do sujeito ser igualmente o mais alheio a ele, pois também se encontra no campo do Outro.

O empuxo a tomar para si esse objeto *êxtimo* – neologismo criado por Lacan (1962/63) – para caracterizar algo que ao mesmo tempo é íntimo e exterior, traz à relação do sujeito com o Outro a dimensão de uma violência fundamental. Pensamos que a construção desse laço ocorre em dois tempos, cada um efeito de uma violência própria.

O primeiro é um tempo mítico, da instauração da Cultura, que inscreve uma falta fundamental que possibilita a emergência do sujeito desde o campo do Outro. Para tanto, vamos retomar o mito da horda primitiva, apresentado no texto *Totem e tabu*. É a violência do assassinato do pai, crime que não pode ser assumido individualmente, mas apenas por um coletivo. Essa violência é fundadora das organizações sociais. Instaura uma falta simbólica para a imbricação do singular com o coletivo.

Um ato violento, segundo Freud, não pode ser considerado violento em si mesmo, mas apenas no contexto ao qual está inserido. O assassinato do pai pelos irmãos da horda primitiva é um ato fundador dos laços sociais. É um ato de violência que difere do desejo de morte que antecede esse crime. Mas o sentimento de ambivalência de amor e ódio permanece, no segundo tempo. Esse desejo de morte, porém, é transformado em impossível, para a condição de um desejo irrealizável.

O segundo tempo de violência é o da resposta do sujeito frente ao retorno desse ato inaugural. É a busca pela manutenção do laço social que dele resultou através da prescrição de um ideal (*identificações*) e da instauração de *proibições*. São esses efeitos do crime fundador que mantêm a ordem desta organização social. Freud recupera nos termos de totem e tabu as instâncias reguladoras do ideal do eu e da lei.

Totem e tabu: os tempos de instauração da Cultura

No terceiro ensaio de *Totem e tabu*, Freud vai situar três organizações sociais segundo três momentos da pulsão. Mais do que falar sobre diferentes sociedades, o que se apresenta como questão são os efeitos do recorte do objeto pulsional sobre o Outro. O modo como se recorta o objeto implica no modo como se produz o Outro. Vemos construir-se os caminhos que a pulsão percorre para inscrever o objeto como algo que lhe é próprio e, ao mesmo tempo alheio, não pertencendo nem ao campo do sujeito,

nem ao campo do Outro, mas presente entre ambos. Seguem-se os tempos de construção de uma relação ternária entre sujeito e Outro.

Freud indica três diferentes tempos das relações sociais segundo três diferentes momentos do percurso da pulsão. É somente nesse terceiro tempo que haverá a possibilidade de inscrição do sujeito dentro no circuito pulsional – tal como a psicanálise entende o conceito de sujeito. Como efeito desses três tempos, advém a construção do Outro como efeito do recorte pulsional. Dentro da teoria freudiana, penso que a formulação desses três tempos da pulsão começa a se opor à lógica do princípio do prazer que vinha sendo formulada até então.

No texto *Pulsões e destinos da pulsão*, de 1915, Freud parece começar a romper com a lógica do sadismo primário que regia o sujeito na busca desenfreada pela satisfação. Ali ele vai representar esses três tempos da pulsão a partir da posição perversa do sujeito, quer dizer, do lugar de gozo masoquista ou sádico em relação ao Outro. É interessante notar que a condição da passividade primordial não deriva do par sadismo/masochismo, mas surge através do par olhar/ser olhado. Foi pela pulsão escópica, portanto, que Freud situou pela primeira vez a condição passiva de surgimento do sujeito em relação ao Outro.

Dentre os quatro destinos da pulsão, a saber, (1) transformação em seu contrário, (2) retorno em direção ao próprio *eu*, (3) recalçamento e (4) sublimação, tomamos os dois primeiros para formular os três tempos para o surgimento do sujeito no circuito pulsional. A transformação de uma pulsão em seu oposto se faz em dois movimentos: (a) a mudança da atividade para a passividade e (b) a reversão de seu conteúdo. O primeiro é encontrado na reversão dos pares opostos (sadismo/masochismo, olhar/ser olhado). O segundo tem um único caso, a transformação do amor em ódio. Para compreender o circuito das posições ativa-passiva, tomemos o exemplo do par pulsional olhar/ser olhado.

Freud diferencia três fases, comuns a esses dois pares pulsionais. Trata-se da *gramática da pulsão* que segue a seguinte ordem: (a) o olhar é uma *atividade* dirigida a um objeto estranho; (b) o objeto é desinvestido e o olhar é dirigido para a própria pessoa; assim, temos a mudança da atividade para a *passividade* e a posição passa a de ser olhado; (c) como consequência dessa mudança de posição, o objeto estranho passa a ser o sujeito da ação, para quem a pessoa se exhibe a fim de ser olhada. É a posição *reflexiva* da pulsão.

A finalidade ativa da pulsão é anterior a sua finalidade passiva. O olhar, tal como o a produção de dor pelo sádico, são atividades anteriores a ser olhado e a sofrer dor. Mas, segundo Freud, no caso da pulsão escópica, há uma fase preliminar à primeira.

Para o início de sua atividade, o instinto escopofílico é autoerótico; ele possui na realidade um objeto, mas esse objeto é parte do próprio corpo do sujeito. Só mais tarde é que o instinto é levado, por um processo de comparação, a trocar esse objeto por uma parte análoga do corpo de outrem (Freud, 1915/2003e, p. 2046).

É possível concluir, a partir desse esquema da pulsão escópica, que, no circuito pulsional, o Outro é anterior ao surgimento do sujeito. Antes de ser ativo, antes de olhar,

há uma fase preliminar: “alguém olhando para um órgão sexual = um órgão sexual sendo olhado por alguém” (Freud, 1915/2003e, p. 2046).

Vai ser apenas no terceiro tempo do circuito que o sujeito vai emergir. Mas para tanto, ele vai ter que passar pela perda da posição primária de ter o seu corpo como objeto do Outro. Identificamos esses três tempos da pulsão também nos três tempos da construção do Outro segundo as sociedades apresentadas em *Totem e tabu*.

O primeiro momento é a posição *animista* ou mitológica, na qual o pensamento projeta indiferenciadamente para o mundo todas as suas características. É organizada pelo pensamento mágico e onipotente, que representa como possível a realização concreta daquilo que foi desejado, e substitui as leis naturais pelas leis psíquicas. “As coisas se tornam menos importantes do que as ideias das coisas: tudo o que for feito às ideias das coisas inevitavelmente acontecerá também com as coisas” (Freud, 1913/2003, p. 1801).

Na época animista, a imagem refletida do mundo interior se superpõe à imagem que atualmente temos do mundo exterior. Freud vai correlacionar essa fase ao *autoerotismo*, período no qual não existia ainda nenhum objeto exterior. Tal como define nos *Três ensaios*, no autoerotismo “a pulsão não está dirigida para outra pessoa; satisfaz-se no próprio corpo” (Freud, 1905/2003b, p. 1199). Não há necessidade de a pulsão recorrer a algum objeto fora do corpo, mas é necessário um Outro que confirme a realização deste “prazer do órgão”. É a fase da passividade ao Outro anterior à atividade de buscar.

O processo que leva a passagem da concepção de mundo animista até a científica se faz à custa de uma renúncia pulsional. Entre uma e outra – entre a busca por prazer no próprio corpo e a satisfação através da escolha de objeto, própria da sociedade científica –, Freud identifica uma fase intermediária na qual “os instintos sexuais até então isolados já se reuniram num todo único e encontraram também um objeto. Este objeto, porém, não é um objeto externo, estranho ao sujeito, mas se trata de seu próprio ego, que se constitui aproximadamente nessa mesma época” (Freud, 1913/2003c, p. 1803).

Trata-se da fase do *narcisismo*, quando o sujeito toma a si próprio como objeto de investimento sexual. Freud, neste momento da escrita de *Totem e tabu*, em 1913, ainda não havia feito a distinção entre narcisismo primário e narcisismo secundário, que será apresentada um ano depois, no texto *Sobre o narcisismo: uma introdução*, em 1914. Trata-se de duas posições do narcisismo, relativas às posições da atividade e da passividade. Tomar seu próprio *eu* como objeto é o primeiro tempo *ativo*, do seu retorno *passivo* no narcisismo secundário.

Ser olhado permite o deslocamento do sujeito para o lugar do Outro e conseqüentemente à evanescência das fronteiras. Deve-se ressaltar que a fase narcísica não vai desaparecer nunca completamente. “Um ser humano permanece até certo ponto narcísico, mesmo depois de ter encontrado objetos externos para sua libido” (Freud, 1913/2003c, p. 1804).

A fase do pensamento que Freud caracteriza como *científica* é a da escolha de objeto. Temos aqui o terceiro tempo reflexivo, no qual o sujeito volta-se à posição ativa de forma passiva, quer dizer, encontramos uma atividade ligada à passividade. Segundo

Freud, nessa fase, o sujeito “se exhibe a fim de ser olhado”, age ativamente para estar na posição passiva. Lacan, no *Seminário 11 – os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964), transforma a voz reflexiva utilizada por Freud, e diz que “o desejo de torturar *transforma-se* em autotortura” (Freud, 1915/2003e, p. 2045), na passagem da voz passiva (b) para a voz reflexiva (c), para a expressão “se fazer (*se faire*) ser batida” (Lacan, 1964/1985, p. 184), quer dizer, o sujeito se faz ser torturado. Com isso, Lacan faz com que, na montagem da pulsão, o *eu* se faça ativamente ser chupado, cagado ou olhado.

Na fase científica, trata-se de um estado no qual o sujeito “renuncia ao princípio de prazer, ajusta-se à realidade e volta-se para o mundo externo em busca do objeto de seus desejos” (Freud, 1913/2003c, p. 1804). O homem moderno só poderia ter surgido na renúncia pulsional que o pensamento científico impõe para o encontro com um “objeto exterior”. Vale lembrarmos a afirmação de Lacan, no texto *A ciência e a verdade*, que “o sujeito sobre quem operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência” (Lacan, 1966/1998, p. 873). O sujeito da ciência é efeito da construção de um saber sobre os objetos, na medida em que ele mesmo se coloca como seu próprio objeto. Ele é efeito do *cogito* cartesiano, que se duplica quando busca pela primeira vez refletir sobre sua própria condição de ser pensante.

Os homens começam a pensar-se a si próprios, a pensar sobre seu próprio pensamento e a tomar-se como objeto de estudo. Cria-se um abismo inconciliável entre sujeito e objeto. O sujeito diante desse desconhecimento sobre o Outro, vai voltar-se a suas próprias fantasias, seus sintomas, para viver em uma realidade na qual a “moeda neurótica” é a única moeda corrente. O objeto, ao se fazer presente como ausência, inscreve no Outro uma falta fundamental que coloca em movimento o circuito pulsional. Para esta falta do Outro, o sujeito vai em busca de uma verdade – sempre ficcional – que lhe situe diante de sua própria duplicação.

Primeiro momento da instauração da Cultura

Totem e tabu apresenta o mito social como herdeiro das teorias sexuais infantis. Da mesma forma que uma criança, ao se questionar sobre sua origem, constrói fantasias para poder aquietar esse enigma, o mito da horda primitiva é a construção ficcional sobre as origens da sociedade. Ele vem reescrever a economia dos espaços, nas instalações e nas dissoluções das fronteiras. Assim, temos no tabu a referência à Lei (proibições/limites) e no totem o reconhecimento pelas identificações (ideal do eu). Dois tempos marcados pela transformação do impossível do incesto à ilusão de sua possibilidade.

No mito da horda, por um lado, a criação de *ideais comuns* através do totem é a transposição à formação dos laços sociais do *corpo coletivo* entre mãe-criança. Por outro lado, a instauração de mandamentos pelos tabus do incesto, que censuram o desejo de matar o totem e manter relações sexuais com um membro do mesmo clã, é a tradução no mito do romance familiar infantil. Como efeito, temos uma estrutura que

segue a gramática reflexiva da pulsão, que permite o deslocamento das posições da relação entre sujeito e Outro encerrada por uma falta.

Para equivaler as condições do mito individual às do mito da sociedade, Freud vale-se da hipótese através da qual Darwin tenta explicar as condições do estado social primitivo da humanidade. A dedução de Darwin é que o homem primitivo viveu em pequenas hordas, nas quais as relações sexuais eram proibidas por ciúmes do macho mais velho que dominava o grupo. Cada membro do grupo era expulso para constituir sua própria horda, onde teria garantida o domínio e a proibição das relações sexuais.

A isso, Freud acrescenta: “Certo dia, os irmãos que tinham sido expulsos retornaram juntos, mataram e devoraram o pai, colocando assim um fim à horda patriarcal. Unidos, tiveram a coragem de fazê-lo e foram bem sucedidos no que lhes teria sido impossível fazer individualmente” (Freud, 1913/2003c, p. 1838). O mito da horda primitiva nos remete a um tempo no qual não havia ainda imbricação entre singular e coletivo, entre sujeito e Outro. Para que essa diferenciação aconteça, se faz necessário uma perda, causada pelo assassinato do pai.

Assim Freud afirma, no capítulo X, intitulado “A massa e a horda primitiva”, do texto *Psicologia das massas e análise do eu*, de 1921: “A psicologia individual, pelo contrário, deve ser tão antiga quanto a psicologia de grupo, porque, desde o princípio, houve dois tipos de psicologia, a dos membros individuais do grupo e a do pai, chefe ou líder” (Freud, 1921/2003, p. 2597). Por um lado, havia uma estrutura de relação entre os membros tiranizados em suas satisfações.

Os membros do grupo achavam-se sujeitos a vínculos, tais como os que percebemos atualmente; o pai da horda primeva, porém, era livre. Os atos intelectuais deste eram fortes e independentes, mesmo no isolamento, e sua vontade não necessitava do reforço de outros (Freud, 1921/2003, p. 2597).

Por outro lado, o pai da horda estava fora da psicologia coletiva – dos laços sociais. Continua Freud: “seu ego possuía poucos vínculos libidinais; ele não amava ninguém, a não ser a si próprio, ou a outras pessoas, na medida em que atendiam às suas necessidades. Aos objetos, seu ego não dava mais que o estritamente necessário” (Freud, 1921/2003, p. 2597).

Este assassinato, além de resultar do sentimento de hostilidade e vingança contra este que lhes impunha uma série de proibições, também foi fruto de inveja e admiração por cada um dos irmãos da horda, na medida em que o pai, além de ser uma referência opressora, também era uma figura protetora da tribo. Aqui, novamente vemos colocada a ambivalência como elemento fundador da condição política do indivíduo e da coletividade dos laços sociais.

Ao cabo deste crime, seguiram-se a condição de desamparo, vulnerabilidade e, principalmente, um lugar vazio em decorrência da ausência do pai. Entretanto, este lugar vazio poderia trazer uma situação de revolta dentro do grupo se fosse tentado ser preenchido. Acompanhamos Freud:

Embora os irmãos se tivessem reunido em grupo para derrotar o pai, todos eram rivais uns dos outros em relação às mulheres. Cada um queria, como o pai, ter todas as mulheres para si. A nova organização terminaria numa luta de todos contra todos, pois nenhum deles tinha força tão predominante a ponto de ser capaz de assumir o lugar do pai com êxito (Freud, 1913/2003c, p. 1839).

Se a presença de uma figura tirânica obrigava a coletividade a oprimir-se diante dos desejos e imperativos alheios, ainda assim esse poder mantinha uma ordem em comparação ao caos da guerra de todos contra todos que a ausência dessa figura superior poderia ocasionar. Diante da possibilidade real da autodestruição da horda ou do retorno ao estado anterior, seus membros se viram obrigados a se identificarem uns com os outros e a formar um sentimento coletivo de justiça e igualdade. A equidade regula as relações entre os membros da horda, na medida em que ela proíbe qualquer indivíduo de ter a posse de todas as mulheres.

A igualdade e a justiça conquistadas por todos dizem respeito à impossibilidade universal de se alcançar esse gozo, que era próprio do pai. Um segundo tempo, então, se torna necessário para consolidar a existência do coletivo e com isso tornar seguros os laços que formam a estrutura social dessa primeira civilização.

Após o assassinato do pai, o que se seguiu foi um ritual de canibalismo, quando todos os membros da horda comeram seu corpo. Através desse ritual, eles se apropriaram de sua força e criaram uma identificação fraterna entre si. O canibalismo do pai foi “a repetição, e uma comemoração desse ato memorável e criminoso, que foi o começo de tantas coisas: da organização social, das restrições morais e da religião” (Freud, 1913/2003c, p. 1838). A identificação com o pai originada desta festa primitiva permitia com que todos os membros do grupo estivessem, desde sua posição singular, enlaçados entre si, originando a primeira estrutura social civilizatória.

Nessa identificação dos membros a uma *substância comum*, o que se instaurou foi um pacto coletivo, uma lei universal que valesse para todos os membros do conjunto. O reconhecimento de que cada um dos membros desejava ocupar o lugar do pai e que isso levaria a uma guerra fratricida, que poderia exterminar todo o grupo, colocou como condição necessária para a continuidade da estrutura social a renúncia pela realização do incesto e o recalque do sentimento de ambivalência. O mito do assassinato do pai conta sobre a origem da humanidade. Ele é o mito fundador que possibilita a saída do estado de natureza para o estado de Cultura, introduz a lei simbólica como referência das estruturas sociais e se transpõe para toda construção ficcional da relação do sujeito com o Outro.

Freud encerra o quarto ensaio recolocando os efeitos das torções provocadas por *Totem e tabu*, na imbricação da psicologia individual com a psicologia coletiva e na aproximação das sociedades modernas com a horda primitiva. Afirmar a existência de uma “mente coletiva, em que ocorrem processos mentais exatamente como acontece na mente de um indivíduo” (Freud, 1913/2003c, p. 1848) é identificar uma continuidade entre o que é interno e externo, avesso e direito.

Segundo momento da instauração da Cultura

Seguiremos os dois momentos do mito da horda primitiva, no processo de instauração da Cultura, tendo como condutor de nossa leitura a gramática da pulsão apresentada por Freud em *Pulsões e destinos da pulsão*. Nesse texto, o psicanalista faz a distinção entre as vozes ativa, passiva e reflexiva, que se inscrevem na pulsão, por exemplo, como comer, ser comido e se fazer ser comido e, na pulsão escópica, olhar, ser olhado e se fazer ser olhado. O sujeito não aparece nos dois primeiros momentos da gramática pulsional, mas apenas no retorno da pulsão na voz reflexiva.

A subjetividade está para além da polaridade ativo-passivo (comer e ser comido). Ela se faz no percorrer da trajetória da pulsão. Buscar os processos metapsicológicos que se encontram “por trás” do mito da horda primitiva nos leva a pensar que a lógica da relação entre sujeito e Outro é moebiana, na medida em que o tempo pulsional que circula essa estrutura é o da voz reflexiva. A pulsão, nesse sentido, só retorna ao seu ponto de origem – os orifícios do corpo – dando sequência ao seu circuito, porque o objeto ao qual ela visa nunca se faz presente.

É justamente com essa torção provocada pela ausência do objeto que faz com que o as posições passiva e ativa – que estrutura uma fita de dupla face, onde uma é o avesso da outra – se tornem uma descontinuidade contínua. A estrutura reflexiva da fita somente é percebida após realizado o percurso de duas voltas completas sobre a mesma superfície. Remetendo-nos ao mito da horda como ficção da instauração das formações coletivas, temos dois efeitos do ato primordial, a saber, o totem e o tabu. Ambos devem operar conjuntamente para que sujeito e social sejam diferentes faces de uma mesma estrutura.

Trata-se, portanto, de totem e tabu, na medida em que uma organização social se sustenta apenas na coexistência de ambos. O totem como o significante que, pelas identificações ao pai morto, sustenta as diferentes posições de gozo (ativo e passivo) e o tabu, por sua vez, como a proibição que instaura um fora do conjunto social, não permitindo a nenhuma pessoa a apropriação de alguma destas posições.

Freud afirma que a condição do pai da horda era a de ser livre, que seu *eu* quase não fazia investimentos libidinais, não amava ninguém a não ser a si próprio ou aquele que o satisfizesse. Ele encarna o lugar daquele que está fora dos laços sociais. Tal como escrevera na carta a Fliess de 31 de maio de 1897, o pai da horda é o “super-homem”, que se afasta da Cultura pela possibilidade de realização do incesto. Ele detém o poder e o saber sobre o sexual e somente a ele é possível a realização das pulsões, sem a necessidade da mediação do outro.

Do primeiro momento do mito da horda, que se desenlaça no crime instaurador da Cultura, segue o jogo binário das posições ativo/passivo. Nele, sujeito e Outro têm seus lugares fixados. O filho só pode ser passivo à atividade sádica exercida pelo pai. É uma estrutura dialética mínima em um tempo pré-subjetivo, um jogo de dois lugares e de dois jogadores. Aos filhos cabe obedecer a este chefe isolado, único a possuir acesso ao gozo e à satisfação de suas pulsões. Os sentimentos dos filhos em relação ao pai, porém, não é apenas de ódio e vingança pela tirania sofrida. Na mesma medida, eles também se sentem protegidos e cuidados pelo pai. São sentimentos ambivalentes de amor e ódio,

que fazem com que os filhos, ao mesmo tempo, queiram ser o que o pai é e queiram a sua morte.

Como vimos no texto *Pulsões e destinos da pulsão*, de 1915, Freud identifica os três tempos da gramática pulsional: a voz ativa, a voz passiva e a voz reflexiva. Desse primeiro tempo do mito da horda primitiva segue a primeira dupla pulsional atividade/passividade. Ora, considerando que a passagem da atividade à passividade é causada, segundo os destinos da pulsão, pelo retorno à própria pessoa, podemos concluir, seguindo Freud, que “as vicissitudes instintuais, que consistem no fato de o instinto retornar em direção ao próprio ego do sujeito e sofrer reversão da atividade para a passividade, se acham na dependência da organização narcisista do ego e trazem o cunho dessa fase” (Freud, 1915/2003e, p. 2047).

Dos filhos, restaria apenas aceitar passivamente a tirania sádica do pai. Mas a ambivalência de seus sentimentos os leva a romper violentamente com essa dinâmica. Ao lado da admiração e do amor, há inveja e vontade de assumir esse lugar privilegiado. Isso os leva, então, a cometerem o assassinato do pai, ato instaurador do segundo momento no processo de formação da Cultura.

A passagem de um momento ao outro – da horda primitiva regida pelo pai à organização fraterna –, só se faz através de um *sacrifício*. É justamente este sacrifício que opera a torção na relação, possibilitando assim a alternância de posições. É necessário que o corpo do pai seja sacrificado para que se rompa a estrutura primordial binária. Dessa forma, os filhos matam o pai e, na necessidade de expiar a culpa decorrente da ambivalência dos sentimentos, devoram seu corpo. Freud identifica esse ritual como “banquete totêmico”.

Através desta *incorporação* do pai morto, cada filho, que anteriormente assumia uma posição passiva, pode vir a encarnar a posição ativa almejada por todos. Nesse momento é possível a constituição dos laços fraternos. É potencialmente possível para qualquer membro da horda ascender ao lugar do pai. Ao devorá-lo, os filhos se identificam com ele e se apropriam, ao menos em parte, de um traço seu.

Mas este ato fundador da Cultura igualmente afasta todo e qualquer indivíduo da possibilidade de acesso imediato da pulsão sobre seus objetos. Na medida em que qualquer indivíduo possa assumir o lugar do pai, volta-se ao tempo da tirania. O sacrifício do corpo do pai é para todos o sacrifício também dos objetos pulsionais. A possibilidade dos laços sociais, portanto, deve se sustentar em um impossível dessa relação. O sacrifício opera a torção da relação, pois tem como efeito uma perda de gozo. Os objetos que anteriormente eram gozados apenas por um tornam-se simbolicamente uma *substância comum*, fazendo parte do circuito pulsional de todos.

Como efeito do ato criminoso, a figura paterna retorna através de duas marcas da coletividade: como lugar de *exceção* e como traços de *identificação*. No mito da horda temos, por um lado, as proibições, que se fazem através da criação de *tabus*. Se o pai está morto, instaura-se um interdito. Um lugar de gozo, ao ser excluído do conjunto, é incluído como proibição. Por outro lado, o *totem* aparece como os traços identificatórios de um coletivo. O totem é a construção de um ideal que unifica a massa. Através dele os membros da horda se enlaçam como uma organização social que segue os mesmos princípios morais (ideais) e éticos (regras).

No entanto, para a manutenção da ordem dos laços fraternos, centralizados na justiça que restringe a liberdade individual e no princípio de equidade entre os homens, é preciso que a memória do assassinato do pai não seja apagada. A perda do gozo, através do sacrifício do corpo, e a identificação aos traços do pai, através de rituais que lembram o banquete totêmico, devem sempre ser refeitos.

A metapsicologia “por trás” de Totem e Tabu

Podemos identificar duas consequências do assassinato do pai na horda primitiva: a formação do totem, como o significante que possibilita as identificações; e a instauração do tabu, como conjunto de proibições que introduz o lugar de exceção. Trata-se de totem e tabu, na medida em que as organizações sociais se sustentam na imbricação dos dois princípios. Por um lado, o totem é a possibilidade para as identificações. Ele estabelece as possíveis condições de gozo – atividade e passividade – frente à figura paterna. Por outro lado, o tabu, através das proibições e interdições, instaura uma impossibilidade do gozo em sua totalidade.

O totem é o significante que surge como efeito de incorporação do corpo do pai morto pelos filhos da horda. Segundo Freud, totem “via de regra é um animal (comível e inofensivo, ou perigoso e temido) e mais raramente um vegetal ou um fenômeno natural (como a chuva ou a água), que mantém relação peculiar com todo o clã” (Freud, 1913/2003c, p. 1748). É o antepassado do qual descende o grupo, que o protege e o defende contra outros. Os membros de uma coletividade que estão subordinados ao mesmo totem encontram-se sob as mesmas obrigações de respeitar sua vida e privar-se de comer sua carne ou de usá-lo para qualquer fim.

Os totens instituem as relações de parentesco. Eles fazem com que indivíduos de um mesmo coletivo se enlacen através de uma identificação em comum. Nesse sentido, os totens “representam relacionamentos sociais mais do que físicos” (Freud, 1913/2003c, p. 1750), de modo que os membros de um mesmo clã se consideram como irmãos e irmãs. Temos, assim, na relação do sujeito com o totem, dois processos fundamentais: a *identificação* e a *ambivalência* dos sentimentos.

Uma das características do inconsciente é a falta de contradição, como se para ele não houvesse o não. Isso se deve pelo fato que o sujeito se constitui através da linguagem. Quer dizer, o inconsciente é formado por traços da inscrição dos significantes arcaicos que vem do Outro. Como significantes do desejo, eles carregam consigo seu sentido antitético.

No texto *Pulsões e destinos da pulsão*, Freud retoma a ambivalência no destino da pulsão de mudar de conteúdo do amor para o ódio. Para o psicanalista, esta ambivalência não é primordial, na medida em que o amor é a expressão de *toda* a corrente sexual de sentimentos. Ao amar, não se coloca apenas uma única oposição, mas três formas de ambivalência. Assim, o primeiro par antitético não é entre “amar x odiar”, mas entre “amar x indiferença”. Esta primeira oposição lança-se à fase psíquica primordial de indiferenciação entre o *eu* e o outro, entre sujeito e objeto.

No início, o *eu* está alheio à existência do outro. Tudo que lhe satisfaz é sentido como próprio e o mundo externo coincide com o que é desagradável, que não lhe dá prazer. O *eu*, porém, reconhece estímulos prazerosos também vindos do lado do outro. Assim, sob o domínio do princípio do prazer, ele introjeta para si o que lhe é agradável e expela para fora o que lhe causa desprazer. O segundo par de ambivalências, entre amor e ódio, vem agora associado ao prazer e ao desprazer.

O *eu* vai registrar em uma marca mnêmica o prazer que lhe foi causado. De acordo com suas necessidades, ele começa a recorrer a esses objetos. O *eu*, então, ativamente provoca uma situação real para trazê-los para mais perto de si, se são amados, ou para afastá-los, se são odiados. Temos, então, na antítese entre ativo e passivo, a segunda expressão da ambivalência do amor. Aqui, o sentimento de amor segue o circuito das pulsões. Ele pode transformar-se em ‘amar’ (ativo), ‘ser amado’ (passivo) e ‘se fazer ser amado’ (reflexivo). E Freud anuncia também a correlação dessas posições com a sexualização: a antítese atividade-passividade funde-se com as posições masculina e feminina (Freud, 1915/2003e, p. 2049).

A formação do totem, desse modo, vai estabelecer as posições de gozo do sujeito em relação a esse significante que faz figuração do pai. Aquele que goza, pode fazê-lo na posição passiva de ser gozado (ser batido e torturado), ou na posição ativa de gozar (bater e torturar). Atividade e passividade, assim, designam lugares de gozo entre sujeito e objeto, independentemente da posição que o *eu* assuma.

A natureza humana já não pode mais ser considerada primordialmente “sádica”, como se o individualismo das pulsões sexuais exercesse uma força desenfreada que só poderia ser controlada através do processo educacional exercido pelo Outro. Freud provoca uma *torção* nessa relação ao postular uma passividade primária do sujeito. Afirmando a anterioridade do Outro ao surgimento do sujeito, ele inverte seu próprio pensamento. Assim, na relação entre sujeito e Outro, a passagem da indiferença à ambivalência implica que se tome frente diante das perdas produzidas por uma posição objetalizada.

A possibilidade da relação entre sujeito e Outro se sustenta na impossibilidade de sua realização. A coletividade se mostra como efeito, dessa perda de gozo, condição necessária ao estabelecimento dos laços sociais. Em relação ao mito de *Totem e tabu*, o conjunto da fratria se organiza na medida em que os irmãos se identificam ao significante que representa o lugar vazio do pai morto. A identificação possibilita a união entre os membros como uma organização social.

Após o assassinato do pai e a incorporação de seu corpo através do banquete totêmico, o totem abriga os mesmos sentimentos de ambivalência que eram dirigidos ao pai. Cria-se a figura do ideal de eu com a qual todos os filhos se identificam. Toma-se um traço do pai para sustentar um *eu*. Freud escreve no texto *Sobre o narcisismo: uma introdução*, de 1914, sobre a idealização como um processo de engrandecimento e exaltação de um objeto que pode ser compartilhado entre muitos.

O ideal do ego desvenda um importante panorama para a compreensão da psicologia de grupo. Além de seu aspecto individual, esse ideal tem seu aspecto social; constitui também o ideal comum de uma família, uma classe ou uma nação (Freud, 1914/2003d, p. 2033).

O ideal de eu é a continuação do sentimento de amor que se tem pelo outro. A morte do pai produz um vazio de uma relação de ambivalência que não existe mais. O ideal de eu vem recuperar essa relação de amor e ódio, entre querer ser o pai, pois é objeto de admiração, e querer sua morte, pois é objeto de inveja e rivalidade. Por esse motivo, encontrar um traço dessa figura no outro, como um ideal, é reencontrar, de uma outra forma, esse laço perdido. Podemos amar e odiar o ideal da mesma maneira que o pai foi amado e odiado.

Esses traços de identificação que formam o ideal reconstruem uma união perdida através de um elemento terceiro, pois, conforme Freud, “mais uma vez aqui o homem se mostra incapaz de abrir mão de uma satisfação de que outrora desfrutou” (Freud, 1914/2003d, p. 2028). É uma imagem unificadora que produz os laços sociais ao fazer com que os filhos assumam as antigas posições de gozo. Através do ideal, se ama o que outrora se foi e não se é mais ou o que possui as qualidades que nunca se teve. Por causa disso, o sujeito pode assumir tanto a posição ativa quanto a passiva, de dominação e de submissão.

Pensar em totem desarticulado de tabu nos faz representar modelos de organizações sociais levados a seus extremos. Totem *sem* tabu é o retorno à tirania do pai. É a marginalização de todos sob o império da individualidade de um. Isso nos faz pensar nos sistemas totalitários, na medida em que ali *ao menos um* não está regido pela mesma ordem do coletivo. Tabu *sem* totem é a letra da lei vazia, a lei por si só. É a ausência de traço de sujeito, referente ao qual ela se torna aplicável. São os processos burocráticos, que apagam a singularidade das diferenças na maquinaria do generalizável.

Tabu traz uma ideia de reserva, manifestando-se como proibições e restrições que são distintas da mera interdição moral ou religiosa. Freud afirma que as proibições tabus carecem de fundamento e têm suas origens desconhecidas, mas são, provavelmente, a forma mais antiga de uma consciência moral. Os tabus servem para proteger e isolar certas pessoas importantes (chefes, sacerdotes, mulheres ou crianças), certos objetos (animais, plantas), determinadas pessoas em condições físicas especiais (morte, menstruação, parto, doença). Implicam também as mais altas interdições, transformando também em tabu aquele que o transgride.

O tabu está presente em todas as civilizações que carregam certas proibições, leis ou costumes; mas também em qualquer proibição que se dirija contra os desejos humanos. Seja através de uma proibição que se opõe “desde o exterior”, como ocorre durante a infância, sejam as “poderosas formas internas”, que recalcam os desejos para o inconsciente. “Tanto a proibição como o instinto persistem: o instinto porque foi apenas reprimido e não abolido, e a proibição porque, se ela cessasse, o instinto forçaria seu ingresso na consciência e na operação real” (Freud, 1913/2003c, p. 1765).

As restrições da satisfação que são impostas pelos tabus nunca se resolvem de forma total. Freud insiste na repetição dos rituais como uma forma de reinscrever a memória do ato primordial contra o pai. São formas de realizar o incesto simbolicamente, para impedir sua realização real. Tal como vimos, o recalque é um dos quatro destinos que sofrem os impulsos sexuais. Freud trabalha esse processo no texto *O recalque* (1915). Ali afirma: “temos motivos suficientes para supor que existe uma

repressão primeva, uma primeira fase de *repressão*, que consiste em negar entrada no consciente ao representante psíquico (ideacional) do instinto” (Freud, 1915/2003f, p. 2054). Trata-se de um processo que inscreve os objetos da pulsão fora de seu acesso. É através dos representantes psíquicos dos objetos pulsionais, traços de memória desses primeiros objetos, que a pulsão vai percorrer seu circuito.

Os conteúdos que sofrerem a ação desse recalque primordial, porém, continuam inalterados, exercendo força e atração sobre as pulsões. Assim, se faz necessário a repetição de uma ação que mantenha esses conteúdos proibidos, que foram anteriormente repelidos da consciência. “A segunda fase da repressão, a *repressão propriamente dita*, afeta os derivados mentais do representante reprimido, ou sucessões de pensamentos que, originando-se em outra parte, tenham entrado em ligação associativa com ele.” (Freud, 1915/2003f, p. 2054).

Temos, assim, nesses dois tempos do recalque a disjunção entre atividade e pensamento. A sexualidade não se representa no primeiro tempo da ação. Este é o tempo de *não saber* sobre o sexual. Vai ser através da associação à sua lembrança que o sujeito se coloca na posição de intérprete, ressignificando *a posteriori* o primeiro tempo do acontecimento. A Cultura é efeito da fundação de um lugar de exceção. Trata-se de um “fora” da regra que, na realidade, faz a própria regra, quer dizer, um conjunto só pode definir-se como tal na medida em que algo foi excluído dele, delimitando assim suas fronteiras. Este “fora” é a lei interna da organização social.

Assim, o sacrifício imposto pelo assassinato do pai é o acontecimento que dá início ao processo de instauração da Cultura. É um ato que inaugura um novo regime de gozo, deslocando a violência exercida pelo pai para o amor compartilhado entre os irmãos. Este sacrifício impõe perdas e cria torções nas condições de acesso ao gozo. Retomando os tempos da pulsão, ele possibilita a saída de uma lógica binária, na qual um assume a posição ativa e outro a passiva, para a estrutura ternária, na qual se tem a circulação de lugares.

O tempo reflexivo da pulsão ocorre apenas no desdobramento de um terceiro elemento, que deve ser excluído e incluído no circuito pulsional. A construção desse lugar terceiro, transpondo o romance familiar à sociedade, é a formação de um *espaço comum* que permite a circulação do sujeito nas diferentes posições de gozo. Assim, a relação entre sujeito e Outro se estrutura de forma moebiana, delimitando e dissolvendo as fronteiras entre dentro/fora, público/privado, indivíduo/sociedade.

Referências Bibliográficas

- Freud, S. (2003a). Manuscrito N. In: FREUD, S. *Obras Completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, v.3. (Original publicado em 1897)
- _____. (2003b). Tres ensayos para una teoria sexual. In: FREUD, S. *Obras Completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, v.2. (Original publicado em 1905)
- _____. (2003c). Totem y tabu. In: FREUD, S. *Obras Completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, v.2. (Original publicado em 1913)

- _____. (2003d). Introducción al narcisismo. In: FREUD, S. *Obras Completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, v.2. (Original publicado em 1914)
- _____. (2003e). Los instintos y sus destinos. In: FREUD, S. *Obras Completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, v.2, 2003. (Original publicado em 1915)
- _____. (2003f). La represión. In: FREUD, S. *Obras Completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, v.2, 2003. (Original publicado em 1915)
- _____. (2003g). Psicología de las masas y análisis del “yo”. In: FREUD, S. *Obras Completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, v.3. (Original publicado em 1921)
- _____. (2003h). Autobiografía. In: FREUD, S. *Obras Completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, v.3. (Original publicado em 1924)
- Lacan, J. (1985). *O Seminário*, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original proferido em 1964)
- _____. (1998). A ciência e a verdade. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original publicado em 1966)

Submetido em julho de 2014

Aceito em outubro de 2014